

Capas de jornal e multimodalidade em dispositivos móveis: questões de *layout* e leitura

Newspaper frontpages and multimodality of mobile devices:
layout and reading issues

Cubiertas de periódico y multimodalidad en dispositivos móviles:
cuestiones de layout y lectura

Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Ludmylla Marina de Souza

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Resumo

A inserção de tecnologias digitais móveis em muitas áreas traz consequências para as práticas sociais. Isso vem sendo analisado em diversas áreas. Os jornais não poderiam estar de fora destes estudos, já que são produtos editoriais de ampla circulação social do campo da comunicação e das linguagens. É grande a velocidade com que mudanças gráfico-editoriais, com seus multimodos, têm sido para eles projetadas, gerando condições de experimentação e inúmeras tentativas de sustentar a existência dos periódicos e atrair leitores. As mudanças nas práticas sociais de leitura demandam projetos cada vez mais ligados às novas plataformas, tais como *tablets* e *smartphones*. Neste trabalho, verificamos a aplicabilidade da análise de primeiras páginas de jornais feita por Kress e Van Leeuwen (2005) na versão *Estadão Noite* do aplicativo para *Tablet* do jornal *Estado de S. Paulo*, levantando discussões teóricas e práticas sobre *layout* e leitura.

Palavras-chave: leitura, multimodalidade, capas de jornal.

Abstract

Digital technologies are changing our society in a lot of ways and newspapers are amongst the most affected objects in the field of languages and communication. So, newspaper publishers are changing faster, with innovative projects and designs, as well as new reading experiences, in order to attract new readers. Reading practices have also been changing and they demand new platforms, such as *tablets* and *smartphones*, as new reading devices. In this paper, we discuss the new applications of multimodal categories proposed by Kress and Van Leeuwen (2005) for the newspaper frontpages. In this case, we have new questions about a brazilian newspaper *Estadão Noite*, an app of *Estado de S. Paulo* for *tablets*, including theoretical and practical issues about layout and reading.

Keywords: Reading, multimodality, newspaper frontpages.

Resumen

Muchas son las áreas en que la inserción de tecnologías digitales móviles está generando análisis que verifiquen las transformaciones causadas en la sociedad. Los periódicos no podrían estar fuera de estos estudios, ya que son productos editoriales de amplia circulación social del campo de la comunicación y de los lenguajes. Es grande la velocidad con que los cambios gráficos-editoriales, con sus multimodos, han sido para ellos proyectados, generando condiciones de experimentación e innumerables intentos de sostener la existencia de los periódicos y atraer a lectores. Los cambios en las prácticas sociales de lectura demandan proyectos cada vez más asociados a las nuevas plataformas, tales como *tablets* y *smartphones*. En este trabajo, tenemos como objetivo principal verificar la aplicabilidad del análisis de primeras páginas de periódicos hecho por Kress y Van Leeuwen (2005) en la versión *Estadão Noite* de la aplicación para *Tablet* del periódico *Estado de São Paulo*, planteando discusiones teóricas y prácticas sobre *layout* y lectura. **Palabras clave:** lectura, multimodalidad, cubiertas de periódico.

1. Breve contextualização da leitura de notícias *on-line* em dispositivos móveis

De acordo com pesquisa da agência Reuters sobre o futuro dos jornais no mundo (NEWMAN; LEVY, 2014), o Brasil é o país que tem mais interesse em notícias. Embora a televisão ainda seja a principal forma de as pessoas obterem informação jornalística (como em todos os demais países abordados pela pesquisa), o ambiente digital – incluindo *displays*, como computador, celular, *tablet* etc. – é a segunda forma de acesso ao conteúdo jornalístico. Ainda segundo esse estudo, em 2014, 76% da audiência acessaram notícias *on-line* pelo *tablet*, 74% pelo celular e 70% pelo computador. Ou seja: o *tablet* é, sutilmente, o principal meio de acesso a notícias *on-line* no mundo, mas está muito próximo dos outros dispositivos, com destaque para celulares. No Brasil, mais de 20% dos internautas pagam por notícias *on-line*, sendo 40% delas assinaturas contínuas e 23% acessos singulares a artigos, *sites* ou arquivos na extensão pdf.

Esses dados servem para nos dar uma noção de como os dispositivos móveis são ubíquos em nossa sociedade, mesmo em um país de economia emergente e sistema educacional precário, como o Brasil. Disso decorre que, com todos os problemas educacionais ainda por serem sanados, existe um público leitor de notícias que acessa esse material em formato digital. Apesar de o campo da educação ainda discutir *o que e como* fazer quanto à apropriação dos recursos ligados às tecnologias digitais de comunicação, o que ocorre é que as pessoas leem e consomem conteúdos via *web*, o tempo todo, especialmente de seus aparelhos móveis (celulares e *smartphones*, que são mais numerosos do que a própria população¹, no Brasil).

A Reuters informa ainda que o jornal *Estado de S. Paulo* está entre os mais populares no país e investe em conteúdo *on-line*, o que justifica, então, o fato de ter sido escolhido como objeto deste trabalho. Nossa intenção, aqui, é construir uma análise, em corte sincrônico, do material que o leitor encontra e consome hoje, especialmente nos *tablets*,

1 Conforme IBGE (2007).



à luz de categorias propostas por Kress e Van Leeuwen (2003; 2005) e discutidas para os materiais atuais. Isso nos permite uma aproximação com as práticas sociais de leitura, o ensino de leitura e a necessidade de formação de cidadãos leitores competentes e críticos.

2.O jornal Estado de S.Paulo, breve histórico

O jornal *Estado de S.Paulo*, doravante *Estadão*, como é apelidado, surgiu no Brasil em 1875, ainda durante o Império, e tinha o nome de *A província de S.Paulo*. Apenas em 1890 ganhou o nome que perdura até hoje.

Em 1930, período em que a população brasileira contava mais de 880 mil habitantes, o *Estadão* atingiu a tiragem de 100 mil exemplares. Em 1966, o Grupo Estado lançou o *Jornal da Tarde*, com maior acompanhamento de problemas urbanos, mas, dois anos depois, o veículo sofreu censura pela ditadura. São famosas as publicações de poemas de Camões e receitas culinárias nas páginas dos jornais do grupo, no lugar de matérias cortadas pelo Regime Militar.

Em 2000, ocorreu a fusão dos portais da Agência Estado, o *Estado de S.Paulo* e o *Jornal da Tarde*, resultando no *Estadao.com.br*, que, em 2003, já contava com 1 milhão de visitantes mensais. Já entrados e consolidados os anos da *web*, foi lançado o aplicativo para *tablet* do *Estadão*, que contava, em 2015², com as seguintes opções de visualização:

- *Estadão Premium*, diário, que inclui todas as páginas do jornal impresso, a partir de 5h da manhã;
- *Estadão Noite*, de segunda a sexta-feira, a partir de 20h, com análises das notícias do dia e uma prévia dos assuntos do dia seguinte, além de conteúdo dos colunistas, *link* para áudios da Rádio Estadão, TV Estadão e seleção de fotos.
- *Olhar Estadão*, parceria com o jornal *The New York Times* que mostra uma síntese do fotojornalismo da semana.

O Estadão para *tablet* apresenta, ainda, um acervo de notícias do Brasil, com reportagens desde 1875. A versão de capas de notícias que analisaremos aqui é a terceira do aplicativo (3.4)³, no Ipad 2, dispositivo da Apple⁴.

2 Sabemos que estas versões mudam rapidamente, assim como os serviços oferecidos e o design deles.

3 O aplicativo é gratuito e cada versão do jornal *on-line* custa R\$1,99. Existe uma modalidade de assinatura do *Estadão Digital* que dá acesso ao aplicativo no *tablet* ou *smartphone* e ao portal *Estadao.com* (ou seja, a todo o conteúdo *on-line* disponibilizado pelo jornal) que, em setembro de 2015, tinha o custo de R\$19,90 por mês.

4 O aplicativo também oferecia uma versão chamada *Estadão Light*, com a seleção das principais matérias da versão *Premium*. Esta opção foi descontinuada em agosto de 2015.

3. Multimodalidade: o *layout* de primeiras páginas e algumas categorias de análise

Segundo Gunther Kress (2003), a tela, mais do que a página, é, em nossa sociedade, o lugar predominante de representação e comunicação, principalmente por meio da relação entre textos e imagens. As telas são, prevalentemente, o lugar da imagem, cuja lógica guia sua organização semiótica. O autor explica que isso acontece de duas maneiras: (a) a tela, e o que está nela, é tratada como uma entidade visual. Tudo é organizado como material visual, com base em princípios visuais: espaçamentos, recuo, tratamento de margens, de espaços em branco etc. Somados a isso, há outros efeitos, tais como: negrito, diferentes tamanhos e fontes etc. A escrita, toda ela, e a letra, em particular, adicionam significado aos modos visuais do conteúdo. Na tela, o textual é tratado como visual, de maneira que nunca havia ocorrido na página impressa; (b) em segundo lugar, está o significativo recurso de organização da escrita. Seja na tela, seja na página, o posicionamento dos elementos importa, tem efeitos e sentidos. A colocação dos elementos expressa princípios da gramática visual, por meio da qual a identidade visual é organizada. Um exemplo simples nos jornais é a legenda: é muito importante observar se a legenda é colocada perto ou longe da figura, na parte superior ou inferior, à esquerda ou à direita, dentro do mesmo quadro do elemento visual ou fora dele.⁵

Os modos semióticos em textos multimodais podem se relacionar de diferentes maneiras. A escrita pode permanecer predominante no espaço da tela, mas também pode perder importância, com a mensagem articulada no modo visual, principalmente. Frente a essas mudanças, é importante repensar a noção de texto, ampliando-a, e desenvolver modos de análise que tenham a capacidade de descrever adequadamente a interação entre o verbal e o visual e analisar os significados que decorrem dessas novas relações. É o que tentam fazer Kress e van Leeuwen (2005) quando tratam das primeiras páginas de jornais, que eles entendem, já no impresso, como signos complexos. Segundo os autores, pode-se considerar que o *layout* envolva três elementos:

Valor de informação: Cada elemento do *layout* tem um valor diferente e este valor depende do local – espacial – onde ele está na página (acima, à direita, à esquerda, abaixo). Cada uma dessas localizações ajuda a construir valores específicos para os elementos que compõem uma página.

Saliência: cada elemento do *layout* atrai o olhar do leitor de maneira diferente, por exemplo, por meio de contrastes de primeiro ou segundo plano, tamanho, tom ou cor etc.

Enquadramento (ou *framing*): dispositivos de enquadramento, como linhas, fios ou espaços em branco, que ajudam a conectar ou a desconectar o texto, partes dele, modos semióticos.

5 Aspectos assim foram trabalhados em Ribeiro (2009; 2012), com jovens e idosos ainda não alfabetizados.

3.1 Valor

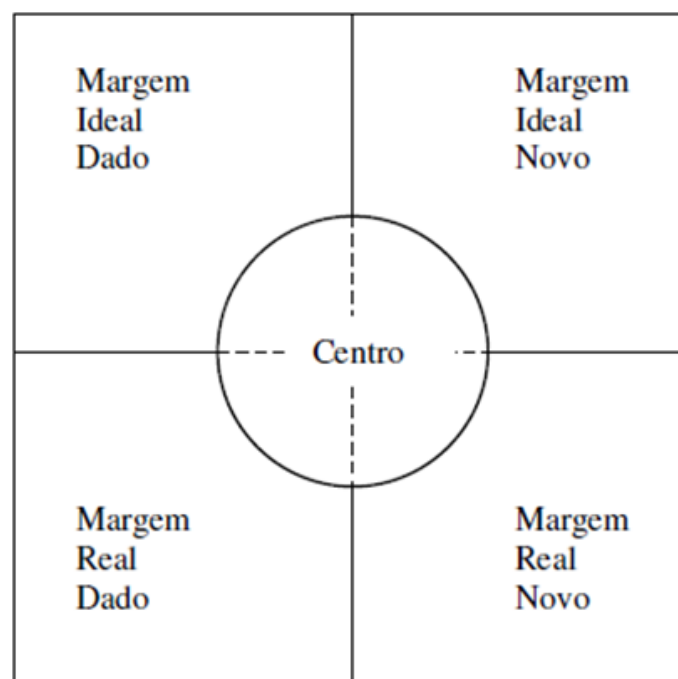
Em relação ao que chamam de *Valor*, Kress e van Leeuwen (2005) utilizam quadrantes espaciais e atribuem significados a cada posição dos elementos na página. Conforme os autores, o que está à esquerda, o “dado”, pode ser relacionado a algo que o leitor já sabe, algo já assumido, um ponto de partida, considerado o que já é estável. Já o “novo”, à direita, representa o que ainda não é conhecido pelo leitor, ponto crucial da mensagem. O “novo”, conforme Kress e van Leeuwen (2005), é o problemático, o contestável, o “ponto a que estamos nos movendo”, “onde vamos chegar”. Em contrapartida, o “dado” representa o senso comum e é mais evidente.

Se uma primeira página de jornal (*frontpage*) desafia ou modifica o “dado”, ela muda algo que tem sido apresentado como estabelecido; já quando modifica o “novo”, são desafiadas questões que ainda não estão estabelecidas.

Kress e Van Leeuwen (2005) propõem ainda que os elementos da parte superior da página de jornal são apresentados como ideais e os da parte inferior, como reais. Aplicado às primeiras páginas dos jornais, o ideal é aquilo que é idealizado, e o real apresenta informações mais específicas, como detalhes, mapas, estatística e/ou informações práticas, como instruções.

Se há um texto na parte superior e fotos, na inferior, o texto fala daquilo que é ideal e as fotos mostram o que é real. Se a situação se inverte, com fotos na parte superior, elas farão o papel de comunicar algo visualmente e o texto virá para complementar e comentar a imagem. O ideal não é necessariamente algo positivo. Ideal e real podem também fazer parte de uma espécie de hierarquia.

Figura 1: Valores no espaço visual, segundo conhecido diagrama de Kress e Van Leeuwen.



Fonte: KRESS; VAN LEEUWEN (2005, p. 198, apud PINHEIRO, 2007, p. 62).

Sobre as posições chamadas pelos autores de “centro” e “margem”, a composição visual desses espaços também pode ser analisada. Quando há um elemento no centro da página, ele será o principal, e os outros serão as margens. O centro é o fundamental e os outros elementos são auxiliares e dependentes. Mesmo quando o centro está vazio, ele continua a ser importante. As margens podem ser simétricas ou não. Quando são, dado e novo, real e ideal são facilmente identificáveis.

Kress e van Leeuwen (2005) abordam também o tríptico, que pode ser horizontal ou vertical. Neste caso, o *layout* é polarizado e o centro funciona como mediador, ligando o dado ao novo ou o real ao ideal. O tríptico também pode fazer a relação margem-centro-margem, independentemente de as margens serem facilmente detectáveis.

3.2 Saliência

Kress e Van Leeuwen (2005) afirmam que o *layout* também é composto de modo a atribuir graus de relevância diferentes aos elementos dispostos na página. Além de depender de onde cada item está, há ainda outros tipos de hierarquia entre eles. O “dado” pode ser mostrado mais saliente do que o “novo”, por exemplo. Os leitores podem julgar o “peso” dos elementos do *layout* e, assim, sua relevância.

A saliência não é totalmente mensurável, mas é o resultado de fatores como: tamanho, nitidez/foco, detalhes e textura, contrastes, bordas pretas e brancas, posicionamento, perspectiva, além de fatores culturais que podem influenciar (como uso de cores, desenhos etc.).

Julgar o peso visual dos elementos de um *layout* é julgar o equilíbrio que existe entre eles: “O equilíbrio e, portanto, o *layout* é um aspecto verdadeiramente corporal de texto, uma interface entre nosso biológico e nossos eus semióticos. Sem equilíbrio, a coordenação no espaço não é possível” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2005, p. 201, tradução nossa)⁶.

3.3 Enquadramento ou moldura

Itens da página podem ser fracamente ou fortemente enquadrados. Quanto mais fortemente marcado o elemento, mais ele descreve uma unidade completa de informação. Do mesmo modo, elementos podem ser fracamente ou fortemente conectados. Quanto mais forte a ligação, mais juntos eles estão e formam, então, uma unidade de informação. Isso pode ser representado pela cor ou pela maneira como fios relacionam elementos, por exemplo, além da espessura, da continuidade ou mesmo do

6 “...balance and therefore layout is a truly bodily aspect of the text, an interface between our biological and our semiotic selves. Without balance, co-ordination in space is not possible” (Kress; van Leeuwen, 2005, p. 201).

espaço vazio entre alguns deles. Tal conexão pode ser percebida por meio de aspectos que se repetem em dois itens, como a mesma paleta de cores ou as mesmas formas (KRESS; VAN LEEUWEN, 2005).

3.4 Questões

As macrocategorias apresentadas por Kress e Van Leeuwen (1998), e reforçadas posteriormente (em obra de 2001), serviram para muitas análises de capas e páginas, especialmente de materiais impressos, muito embora possam ser interpretadas como um *grid* (ou uma grelha) estável demais para explicar a produção de sentidos e as propostas editoriais mais contemporâneas, em dispositivos em que o *layout* é bem menos estável. Ao que parece, essa estabilidade pode ter servido bem às páginas impressas. No entanto, a questão hoje atravessa dois âmbitos, de maneira igualmente fluida: tanto o leitor pode produzir sentidos de maneira mais movente e fragmentária, com base no que lê e vê, quanto as páginas perderam a estabilidade que encontravam em dispositivos impressos. Mas prossigamos com esta análise.

3.5 Detalhamento das categorias

Kress e Van Leeuwen também propõem detalhamentos das categorias mencionadas antes. O quadro a seguir resume os tipos de composição que uma página pode apresentar, conforme proposta dos autores, anos atrás.

Quadro 1: Análise do *layout*⁷ de uma página.

Centralizado	Um elemento é colocado no centro da composição.
Polarizado	Não há nenhum elemento no centro da composição.
Tríptico	Os elementos não-centrais em uma composição centralizada são colocados ou à direita e esquerda ou acima e abaixo do centro
Circular	Os elementos não-centrais em uma composição centralizada são colocados acima e abaixo e para os lados do centro, e ainda mais elementos podem ser colocados entre estas posições polarizadas.
Margem	Os elementos não-centrais em uma composição centralizada são idênticos ou quase idênticos, então, criam simetria na composição.
Mediador	Um elemento de uma composição polarizada forma uma ponte entre o dado e novo e/ou Ideal e Real, reconciliando elementos polarizados de alguma forma.

7 Baseado em Kress e Van Leeuwen (2005, p. 210). Tradução livre nossa.

Dado	O elemento à esquerda em uma composição polarizada ou o elemento à esquerda polarizado numa composição centrada. Este elemento não é idêntico ou quase idêntico ao elemento correspondente à direita.
Novo	O elemento à direita em uma composição polarizada ou o elemento à direita polarizado numa composição centrada. Este elemento não é idêntico ou quase idênticos ao elemento correspondente à esquerda.
Ideal	O elemento superior em uma composição polarizada ou elemento superior polarizado numa composição centrada. Este elemento não é idêntico ou quase idêntico ao elemento inferior correspondente.
Real	O elemento de fundo em uma composição polarizada ou elemento inferior polarizado numa composição centrada. Este elemento não é idêntico ou quase idêntico ao elemento correspondente superior.
Saliência	O grau ao qual um elemento chama a atenção para si, devido ao seu tamanho, seu lugar em primeiro plano ou sua cumulação de outros elementos, como cor, valores tonais, nitidez ou definição, etc.
Desconexão	O grau ao qual um elemento é visualmente separado de outros elementos através de framelines, dispositivos de enquadramento, espaço vazio entre os elementos, descontinuidades de cor e forma, e outras características.
Conexão	O grau ao qual um elemento visualmente juntou-se a outro elemento através da ausência de dispositivos de enquadramento, por meio de vetores e através de continuidades ou semelhanças de cor, forma visual, etc.

Fonte: Dados das autoras.

Tais categorias são identificáveis nas páginas e ajudam a sistematizar uma leitura da composição, incluindo-se percepções do discurso ali apresentado.

Para os mesmos autores, o diagrama a seguir também pode ajudar na categorização de *layouts*, muito embora eles tenham trabalhado com páginas de jornais impressos. E esse é justamente o ponto que parece merecer revisão, nos dias que correm, dado que as mudanças de produção e edição de “capas” para leitura em outros dispositivos – mais recentes – têm demandado não apenas novas experimentações dos produtores, mas também dos leitores.

Figura 2: Significado da composição.



Fonte: KRESS; VAN LEEUWEN (2005, p. 210).

4. Leitura e questões para as telas de hoje

Na cultura ocidental fortemente grafocêntrica⁸, as páginas impressas, geralmente, são lidas da esquerda para a direita e de cima para baixo, linha por linha. Essa prática vale para jornais, revistas, livros e mesmo para as *webpages*, lidas por meio de dispositivos que apresentam telas (e não mais folhas).

As páginas de jornais, especialmente a partir do século XIX, foram geralmente lidas de maneira mais livre, ao menos em termos de sequências de linhas, de espaços em branco (que separam colunas) e da existência de muitos textos diferentes na mesma página. Santaella (2004) usa o termo “mídia mosaíquica” para se referir justamente a essa apresentação plural dos textos em páginas de jornal.

Cada folha é examinada pelo leitor, antes de realmente ser lida, e após essa visualização do todo, ocorre uma percepção das conexões e dos elementos ali dispostos, propositadamente, com intenções geralmente explícitas em relação a algum efeito desejado. É nessa composição que o valor de cada elemento aparece, assim como sua saliência, sempre relativa ao global da página, e mesmo os enquadramentos.

Quando a página é “digitalizada”, o leitor segue um caminho de leitura que pode ser configurado pelo *layout*, de cima para baixo e de acordo com os elementos mais salientes ou emoldurados. É preciso destacar que as páginas podem codificar caminhos de leitura em graus diferentes e isso também depende de diferenças culturais e de diversas práticas leitoras.

O *layout* pode ser produzido de acordo com uma lógica espacial, mas os leitores são livres para sequenciar e conectar os blocos de conteúdo, ao perceberem a estrutura não linear de navegação e conforme seus interesses – temáticos, por exemplo, como costuma ocorrer na leitura de jornais – ou de sua disponibilidade de tempo, espaço, etc.

5. Método

Esta investigação é parte de um estudo mais aprofundado sobre a atual composição de capas de jornais para *tablets*, sem esquecer a história editorial dos jornais e as práticas de leitura mais contemporâneas, sempre com os olhos na “paisagem comunicacional”⁹ que temos hoje.

Para este artigo, em razão de suas dimensões, escolhemos analisar apenas uma capa: a do *Estadão Noite* do dia 21 de setembro de 2015, segunda-feira. Trata-se de um caso que pode apresentar certa tipicidade na produção das capas, na intencionalidade que seu *layout* carrega, à luz das categorias propostas por Kress e Van Leeuwen (2005), ao menos para o *Estadão*, considerado uma empresa inovadora e modelar para os veículos de comunicação brasileiros.

8 Bom lembrar que há culturas em que a leitura é feita da direita para a esquerda ou de cima para baixo. Incluem-se entre essas diferenças também as escritas que não empregam alfabetos. Tudo isso pode nos fazer (re)pensar teorias como esta e as práticas leitoras de outras comunidades.

9 A expressão é de Kress (2003).

Registramos a capa de nosso interesse por meio de um *printscreen*¹⁰ de seus modos vertical e horizontal. Esta investigação, portanto, tem caráter documental. Para qualquer usuário de celular ou *tablet* que tenha configurado assim seu dispositivo, basta um gesto e a rotação da imagem é alterada, considerando-se o que também é popularmente conhecido como “retrato” e “paisagem” (que são já “velhos” modos de impressão).

Com base na observação cuidadosa da composição das capas, seguiu-se a aplicação crítica das categorias de análise propostas por Kress e Van Leeuwen (2005) e apresentadas neste trabalho, além dos detalhamentos expressos por eles quanto às composições de páginas, conforme Quadro 1. As capas de jornais são especificadas e apresentadas na sequência, assim como nossas considerações sobre práticas de leitura da atualidade.

6. Capas de jornais para *tablet*: categorias de análise em ação

Analisaremos, pois, as capas do *Estadão Noite* com base em três categorias: o valor de informação, a saliência e a moldura.

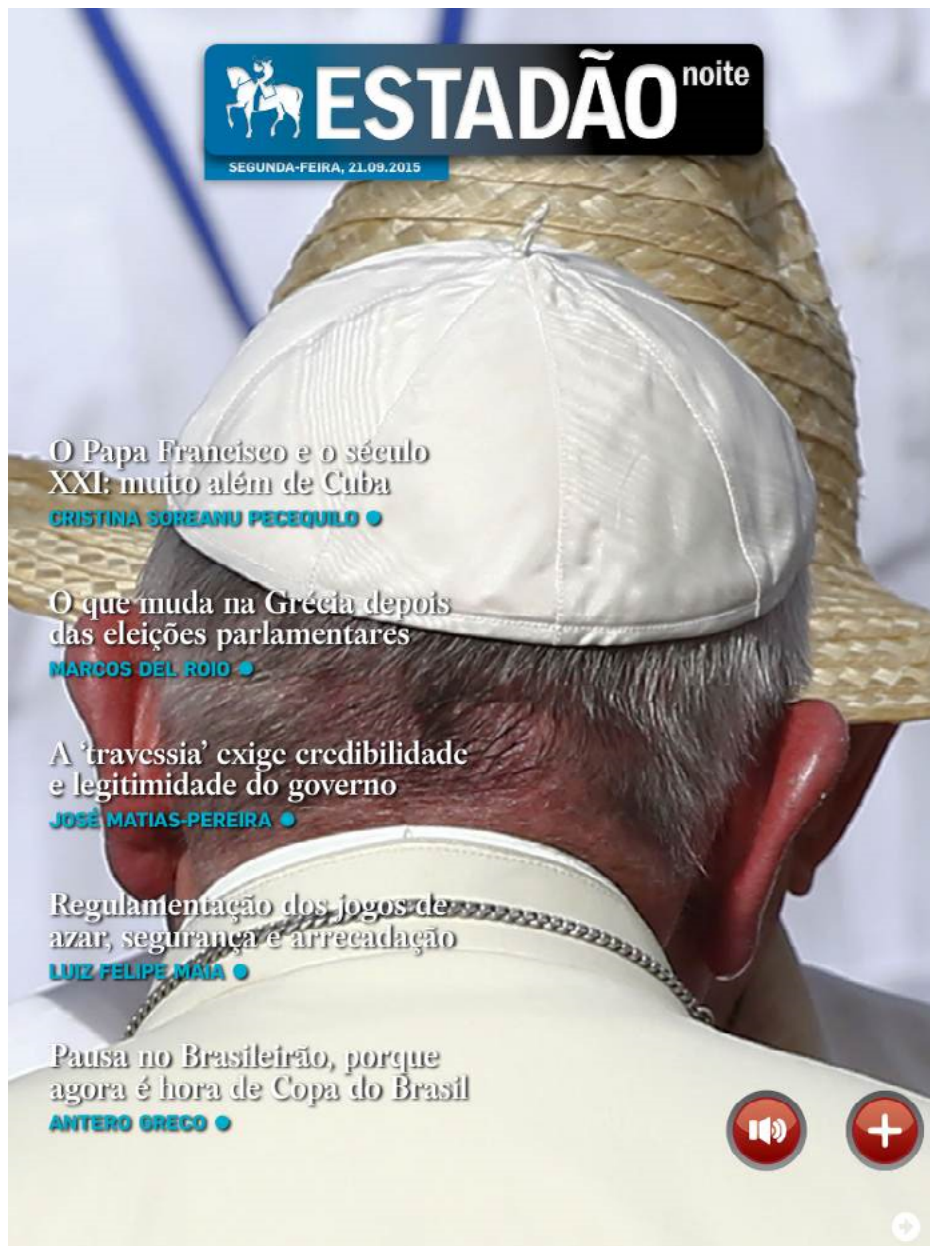
6.1 Saliência dos elementos da primeira página

A capa do *Estadão Noite* do dia 21 de setembro de 2015 é composta de apenas uma fotografia, o que faz dessa primeira página uma capa-cartaz ou capa-pôster (FERREIRA JÚNIOR, 2003), já que a foto toma o fundo de toda a tela, sem tirar a legibilidade das chamadas. Estas estão alinhadas à esquerda, como se pode notar na Figura 1.

A fotografia mostra a cabeça do Papa Francisco de costas, com sua mitra (chapéu específico, símbolo sacerdotal). Do ângulo em que foi tirada a foto, o Papa tampa o rosto de um senhor, que está à sua frente e é revelado apenas por um chapéu de palha, o que nos traz o sentido de uma pessoa “simples”. Sendo assim, os dois chapéus estão dentro do foco, mas se apresentam em contraste. O papa está mais próximo, embora esteja de costas, como se o leitor estivesse atrás do pontífice.

Ainda pensando na saliência, o título do jornal ocupa a parte de cima da capa, centralizado, um pouco sobre a imagem (Figura 3). A palavra ESTADÃO está em caixa-alta, além de destacada em negativo (branca e vazada em um retângulo azul). O branco e o azul são predominantes da paleta de cores do *layout*, presente em todas as letras. Ainda no título do jornal, o “noite” está em caixa baixa, ou seja, menos destacado do que o nome “ESTADÃO”, e a figura que o acompanha. Com menos destaque ainda está a data do jornal, o que quer dizer que o mais importante para o jornal é comunicar de onde é aquela tela (“ESTADÃO”) e, após, as especificações (*noite*, que é uma versão do conteúdo e a data).

10 *Printscreen* ou *screen shot* é um recurso que permite “fotografar” a tela do computador, do *tablet* ou do *smartphone*.

Figura 3. Capa do *Estadão Noite* para tablet vertical.FONTE: *Printscreen* Estadão Noite.

Na versão horizontal (Figura 4), a foto se mantém, o título do jornal está à direita, no alto, apresentando mais relevância que outros elementos da página. As chamadas que compõem a primeira página são menores que o título do jornal e estão à direita, ou seja, mais destacadas na versão vertical, pois o olhar do leitor ocidental começa por este lado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2005). De toda forma, esses elementos chamam menos a atenção do leitor que o título do periódico. As chamadas estão na cor branca e o nome dos jornalistas e/ou colunistas está em azul. O nome das pessoas que escrevem as colunas está em menor grau de saliência do que as chamadas, pois elas estão em fonte maior, informando o leitor, então, de que a informação em si é mais importante do que quem a repassa.

Figura 4. Capa do *Estadão Noite* horizontal.

FONTE: *Printscreen Estadão Noite.*

Dois botões vermelhos, lado a lado, estão embaixo na página. A cor chama a atenção do leitor, é saliente, embora fuja do padrão branco e azul da capa. São esses botões os pontos de interatividade com o leitor (além da movimentação da tela). O primeiro ativa o som e a rádio Estadão, o segundo abre a legenda da foto (na Figura 1, sentido vertical). Quando na horizontal (Figura 2), o primeiro é referente à rádio e o segundo, à legenda, mantendo o mesmo equilíbrio em relação à saliência. É necessário comentar que, na versão retrato, os botões estão à direita e abaixo; na posição paisagem, à esquerda e abaixo. Em ambos os casos, são “zonas mortas”¹¹ da página, razão que provavelmente leva à escolha de cores chamativas para esses elementos.

No final da página, à direita, independentemente da posição da tela, há uma seta indicando ao leitor a direção para a próxima página. A seta não é um *link*. É branca, destaca-se pouco por sua cor e menos ainda na posição vertical, já que fica sobre a roupa branca do Papa.

11 “Zona morta” é expressão que Collaro (2000) emprega para se referir aos espaços da página que são menos vistos, menos salientes, para o leitor, mas que podem ser despertados por meio de outros recursos, tais como cores vivas.

6.2 Enquadramento dos elementos da primeira página

Quanto ao enquadramento ou à moldura, sob a perspectiva de Kress e van Leeuwen (2005), na capa analisada, independentemente da posição da tela, os elementos não têm linhas ou espaços em branco que os dividam. Estão todos juntos, interligados, formando uma unidade, mesmo sendo várias as informações apresentadas na página. Um dos modos de conexão entre informações é a proximidade. Cada bloco de chamadas está unido ou separado por entrelinhamentos diferentes, assim como por um padrão de alternância de cores (branco, azul) que permite ao leitor perceber o que os une ou não, isto é, quando se trata da mesma chamada e quando é outra. Se o “peso” entre as chamadas é o mesmo, sem diferenciação por tamanho ou família de fonte, é a posição na página, mais ao alto ou mais abaixo, que pode dar noção da importância ou relevância das notícias. E cada elemento desses é planejadamente selecionado para ocupar a posição em que está. Complementarmente, seria ideal que todos os leitores fossem capazes de uma leitura crítica dessa seleção – edição, o que nem sempre acontece.

6.3 Valor de informação dos elementos da primeira página

Na parte superior do jornal, onde estão os elementos chamados por Kress e Van Leeuwen (2005) de “ideais”, encontra-se o nome do jornal e sua versão: “Estadão” Noite e a data, em letras bem menores. Esse é o espaço idealizado, que coloca, então, o nome da publicação em destaque, sendo uma das primeiras coisas que o leitor verá, já que a leitura ocidental começa de cima para baixo. É a introdução, mostrando o órgão responsável pela comunicação daqueles fatos.

À esquerda estão as chamadas para as reportagens que se encontram dentro do jornal. Vale lembrar que elas funcionam como *links* que guiam o leitor diretamente aos textos referentes a elas. Kress e Van Leeuwen (2005) chamam de “dado” os elementos presentes nesta posição das primeiras páginas de jornais. Ali é o lugar do que o leitor já espera, já conhece, um ponto de partida já assumido e estável.

A parte de baixo, como dissemos, é o lugar do “real” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2005), onde são apresentados signos específicos, detalhes, estatísticas ou informações práticas. Analisando o texto das chamadas, o mais próximo do “ideal” é o nome do jornal *Estadão*, que aborda o assunto da foto da capa, funcionando como uma legenda, em um primeiro momento: “O Papa São Francisco e o século XXI: muito além de Cuba”. O valor dado ao Papa por esse texto idealiza o pontífice e traz uma visão positiva dele ao leitor.

O segundo título de reportagem é: “O que muda na Grécia depois das eleições parlamentares”. Esse texto está também na parte superior da página e descreve ao leitor a visão do colunista sobre o que acontecerá com a Grécia diante das mudanças políticas que o país atravessa. A terceira chamada, embora mais perto do “real”, é: “A ‘travessia’ exige credibilidade e legitimidade do governo”, de mesmo teor da anterior, também sobre a Grécia e as mudanças pelas quais o país passa.

Já a quarta e a quinta chamadas, agora mais próximas ainda do “real”, são: “Regulamento dos jogos de azar: segurança e arrecadação” e “Pausa no Brasileirão, porque agora é hora de Copa do Brasil”. Têm teor mais prático, com informações mais específicas de dois acontecimentos e seus detalhes. Essas matérias são menos tensas do que as que falam de política, isto é, elas “fecham” o jornal de modo a trazer amenidades para o leitor¹².

Mais próximos do “real”, porém, mais à direita, estão dois botões de interação com o leitor, ou seja, outros dois elementos práticos. O primeiro aciona o “Giro 15 da rádio Estadão”, com mais reportagens da noite. O botão com o símbolo “+”, se clicado, revela a legenda da foto: “Papa Francisco é recebido pelo presidente Raúl Castro em Holguin”.

O *tablet* possibilita ao leitor navegar pela versão *Estadão Noite* do jornal também na posição paisagem, além da posição retrato. Aliás, o *design* do jornal parece mais agradável nesta posição. A mesma categoria, valor de informação, na Figura 4, comporta-se da seguinte maneira: As posições de quase todos os elementos se modificam, quando da rotação para a horizontal. Exceto pela foto, que ocupa toda a extensão da tela, num segundo plano, a movimentação dos outros elementos *muda a gramática visual* em relação ao valor de informação explicitado por Kress e Van Leeuwen (2005): o título do jornal fica mais à esquerda (essa informação possui destaque maior ainda em termos de fonte na página, quando está na posição horizontal, pois além de estar acima, está também à esquerda, mais uma vez, pensando no modo de leitura ocidental); os títulos das matérias passam para a direita da tela; os botões de interatividade passam para a esquerda e a seta se mantém.

De qualquer forma, independentemente de onde os elementos das capas estão, ainda há uma hierarquia entre eles. A saliência é uma categoria de análise válida quando há rotação de tela, opção disponível nos aplicativos de *tablet* e explorada pela versão do jornal. Ao leitor cabe escolher o que lhe parece mais confortável ou legível.

O enquadramento também pode ser facilmente aplicado neste caso, pois não muda conforme a apresentação vertical ou horizontal do jornal. O mesmo não se pode falar do valor de informação, que se altera completamente.

7. Considerações finais

As categorias apresentadas por Kress e Van Leeuwen (1998) e reforçadas posteriormente (em 2001) serviram para muitas análises de capas e páginas, especialmente de materiais impressos. Muito embora pudessem ser interpretadas como um *grid* (ou uma grelha) estável demais para explicar a produção de sentidos e as propostas editoriais, esse tipo de categorização pode ter servido às páginas impressas. No entanto, a questão hoje atravessa dois âmbitos, de maneira igualmente fluida: tanto o leitor aprendeu, nos últimos vinte anos, modos de ler mais fragmentários e erráticos, quanto as páginas perderam a estabilidade que encontravam em dispositivos impressos.

12 Essa estrutura também é fácil de perceber em jornais televisivos. As matérias finais dos principais jornais do Brasil costumam tratar de futebol ou outros assuntos menos tensos.

Atualmente, os aplicativos para a leitura de jornais em *tablets* e *smartphones* modificam a espacialização dos elementos nas páginas, a começar pela fluidez entre os modos conhecidos como “retrato” e “paisagem”, que alteram a direção do que se lê, ampliando ou reduzindo a horizontalidade ou a verticalidade da página, o que não é qualquer coisa para a composição de um *layout*. É, portanto, muito provável que categorias pouco flexíveis não deem mais conta dos objetos de leitura com os quais o leitor lida, nos dias de hoje, especialmente quando se fala em mídias móveis digitais e aplicativos.

Mobilizando a teoria proposta por Kress e Van Leeuwen (2005), podem-se levantar várias questões ligadas à leitura da “mesma” capa, conforme a rotação, questões essas que dizem respeito tanto às categorias de análise aqui aplicadas aos *layouts* das telas quanto à leitura que se pode fazer delas. Temos, portanto, não apenas desafios teóricos, mas também muito chão pela frente na percepção de novas práticas de leitura e da produção de sentidos.

As mudanças entre chamadas à esquerda e à direita trazem impactos para a leitura ou para a percepção da relevância ou do valor das notícias nas capas? O “real” e o “ideal” são categorias que dependerão menos dos espaços determinados pelo diagrama espacial que considera direita/esquerda, cima/baixo? A instabilidade dos *layouts* ou, melhor dizendo, sua atual flexibilidade, traz mudanças importantes para a leitura crítica de jornais, desde a capa?¹³

A cada mudança nos modos de produção editorial correspondem alterações nos modos de ler. No entanto, não basta atentar para os componentes técnicos dessas mudanças. É preciso pensar em como o leitor interage com os dispositivos, atribuindo valor, relevância ou percebendo enquadramentos que querem fazer sentido, isto é, não são como são por acaso. Essas são questões que não devem ficar de fora das preocupações dos campos da educação e dos estudos de linguagem, tanto em sua face teórica quanto prática.

Referências

COLLARO, Antônio Celso. **Projeto gráfico**. Teoria e prática da diagramação. 4 ed. São Paulo: Summus, 2000. (Novas Buscas Em Comunicação)

ESTADO DE S.PAULO. **Facebook Estadão**. Disponível em < <https://www.facebook.com/estadao>>. Acesso em: 20 maio 2014.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Capas de jornal**. A primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Senac, 2003.

GRUPO ESTADO. **Resumo histórico**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti8.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

GRUPO ESTADO. **Cronologia**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/cronologia/crono1.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

13 Ribeiro (2009; 2013) vem trabalhando nessas considerações há alguns anos. Com a popularização de dispositivos de leitura que oferecem opções de visualização muito menos fixas do que o impresso, é interessante repensar uma série de questões sobre os modos de ler.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**: 2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=280800>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London/New York: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The Critical) Analysis of Newspaper Layout. In: BELL, Allan; GARRETT, Peter. **Approaches to media discourse**. 6 ed. EUA: Blackwell Publishing [1998] 2005. p. 186-219.

NEWMAN, Nic; LEVY, David A. L. **Reuters Institute Digital News Report 2014**. Tracking the Future of News. University of Oxford, 2014. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Reuters%20Institute%20Digital%20News%20Report%202014.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2015.

PINHEIRO, Viviane Seabra. **Analisando Significados de capas da revista Raça Brasil**: Um estudo de caso à luz da Semiótica Social. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. O layout e a leitura. Implicações da diagramação do jornal na compreensão leitora. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 17, 2009, Belo Horizonte. **Anais do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Belo Horizonte, Compós, 2009.

_____. A importância do design na leitura. In: COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Leituras sobre a leitura**. Belo Horizonte: Vereda, v. 1, p. 60-87, 2013.

SANTAELLA, Lucia. Antecedentes da alinearidade hipermediática nas mídias mosaiquicas. In: BRASIL, André et al. (Org.). **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

Recebido em 15 de fevereiro de 2016.

Aceito em 16 de junho de 2016.

Ana Elisa Ribeiro

Professora e pesquisadora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (mestrado e doutorado), no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição), em cursos de especialização e na educação profissional e técnica de nível médio. Doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais. anadigital@gmail.com

Ludmylla Marina de Souza

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. ludmyllamarina@gmail.com